

## A RESSIGNIFICAÇÃO DO SISTEMA CORONELISTA BRASILEIRO NA NARRATIVA FICCIONAL *MEU PEDACINHO DE CHÃO*

Carla Montuori Fernandes<sup>1</sup>

**Resumo:** A telenovela brasileira revela um rico hibridismo cultural, capaz de incorporar temas longínquos da história do país em um cenário revitalizado pelos códigos da contemporaneidade. Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar a representação das práticas políticas do coronelismo na telenovela *Meu pedacinho de chão*, exibida pela Rede Globo de Televisão. A trama consiste na produção de um universo moderno, cercado de magia e fantasia, que reproduz, por meio de personagens e enredo, um sistema político que perdurou no Brasil durante o período da República Velha (1889-1930).

**Palavras-chave:** Telenovela; cultura; política.

**Contato:** carla\_montuori@ig.com.br

A telenovela, que surgiu em caráter totalmente experimental, no início da década de 1950, tornou-se, ao longo dos anos, o produto cultural mais popular da televisão brasileira. O êxito do gênero pode ser explicado, em parte, pela capacidade de incorporar convenções do melodrama e da realidade e atuar em sintonia com as transformações tecnológicas, culturais e políticas da história do país (Hamburger 2005). Martín-Barbero e Rey elucidam que nenhum outro gênero de programação se firmou tão popular no país como a telenovela, por atuar “em um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil, das intimidades privadas às políticas públicas” (2001, 161). A capacidade *sui generis* de incorporar o público e o privado, o político e o doméstico, a notícia e a ficção, convenções formais de documentário e do melodrama (Lopes 2009) transformam as narrativas televisivas em espaços estratégicos para a produção das imagens que os indivíduos fazem de si mesmos e com as quais querem fazer-se reconhecer pelos demais (Martín-Barbero 1997). Em circunstâncias em que os personagens são identificados com figuras públicas reais, e a trama incorpora os problemas da nação, a produção televisiva adquire um contexto de verossimilhança, operando o sincretismo entre o real e o imaginário, tornando-o homogêneo (Sodré 1997).

---

<sup>1</sup> Doutora, com pós-doutoramento, em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura das Mídias – Universidade Paulista (UNIP).

Fernandes, Carla Montuori. 2016. “A resignificação do sistema coronelista brasileiro na narrativa ficcional *Meu Pedacinho de Chão*”. In *Atas do V Encontro Anual da AIM*, editado por Sofia Sampaio, Filipe Reis e Gonçalo Mota, 514-525. Lisboa: AIM. ISBN 978-989-98215-4-5.

Ao pesquisar o enredo das telenovelas, verifica-se com frequência temas de caráter público, como a reforma agrária, o coronelismo, a corrupção política, as minorias, entre outros (Lopes 2009).

Nesse contexto, ao recontar a história da televisão brasileira, Mattos destaca que a preocupação da teledramaturgia em representar o cenário do nordeste, o povo e sua cultura surgiu em 1969, com a telenovela *Verão vermelho*, veiculada pela Rede Globo, durante o período de ditadura militar. Ambientada na Bahia, a novela retratou o universo de coronéis, jagunços e as disputas políticas em torno do poder local (Mattos 2002). Desde então, inúmeras produções midiáticas buscaram reproduzir o espaço rural e as práticas do coronelismo, sistema de poder político conhecido pelo autoritarismo e pela opressão exercida pelos mandantes locais, diretamente ligados ao meio rural. Sustentado por barganhas e compromissos recíprocos, o coronelismo durante a República Velha (1889-1930), era formado por uma extensa rede de relações que seguia do coronel ao presidente da República, conforme destaca Carvalho:

O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professora primária. O coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos. Para cima, os governadores dão seu apoio ao presidente da República em troca do reconhecimento por parte deste de seu domínio no estado. (1997, 2)

Desse compromisso fundamental entre o poder público e o local, surgem as características secundárias do sistema coronelista, definidas por Leal (1975) como o mandonismo, o filhotismo, o voto de cabresto e a desorganização dos serviços públicos locais. Ainda que a prática do coronelismo tenha diminuído, a partir de 1930, com a prisão dos grandes coronéis baianos e a posterior implantação do Estado Novo (1937-1945), como defende Carvalho (1997), a temática que exerceu enorme influência na literatura ainda mantém sintonia com os escritores da teledramaturgia.

A telenovela *Meu pedacinho de chão*, readaptada em 2014, revela o interesse da Rede Globo pelo assunto, ao narrar a história de um povoado

humilde, localizado na cidade fictícia de Santa Fé, dominado pelo maior fazendeiro da localidade, coronel Epaminondas, que abusa das práticas coronelistas para perpetuar seu poder na região. A trama tem início com a chegada da professora Juliana, contratada pelo prefeito da Cidade das Antas e por Pedro Falcão, inimigo político de Epaminondas, para alfabetizar as crianças e os adultos do vilarejo. Avesso a qualquer tipo de modernização e progresso, o coronel Epaminondas declara guerra aos inimigos políticos e lança-se candidato à prefeitura da cidade, colocando em prática os desmandos do sistema coronelista. Narrada em tom de magia, com uma multiplicidade de cores que percorre os cenários e os figurinos, a telenovela escrita por Benedito Ruy Barbosa é contada pelo olhar infantil do menino Serelepe (Tomás Sampaio) e por sua amiga Pituca (Geytsa Garcia), filha do vilão Epaminondas.

Em uma atmosfera lírica, com casas de bonecas, árvores coloridas com mantas de crochês e cavalos e vacas de madeiras, que se assemelham a peças de carrossel, o cenário da telenovela associou-se a um universo tipicamente infantil. Ainda que o espaço rural fosse ressignificado em tom de magia, este estudo pretende responder como a telenovela *Meu pedacinho de chão* incorporou de maneira verossímil os desmandos da política coronelista. Assim, este artigo tem por objetivo analisar como foi produzida a representação do coronelismo na telenovela *Meu pedacinho de chão* durante todo o período de exibição da trama, de 7 de abril a 1 de agosto de 2014. Para compreender o conteúdo veiculado pela narrativa ficcional, recorreu-se à análise de conteúdo (Bardin 2011) e às três etapas que compõem essa metodologia. Na primeira etapa, denominada pré-análise, foram selecionadas as cenas que serviram como objetos deste estudo. Após a visualização dos episódios, na etapa nomeada de exploração do material, as unidades de análise foram agrupadas, com base nas categorias secundárias do coronelismo, a saber: mandonismo, filhotismo e voto de cabresto. Por fim, na terceira e última etapa, os resultados obtidos foram interpretados e comparados às luzes do contexto político e da produção ficcional. Para análise do conteúdo da narrativa, as cenas foram acompanhadas e retiradas do site <http://gshow.globo.com/novelas/meu-pedacinho-de-chao/index.html>.

### **A política coronelista no Brasil: características**

O coronelismo enquanto sistema político brasileiro encontrou seu apogeu na República Velha, predominando, especialmente, no ambiente rural, onde o poder se concentrava em torno de um chefe local, geralmente grande proprietário de terra, fazendeiro ou latifundiário. As bases do sistema coronelista estavam assentadas na estrutura da propriedade, designada por Nunes Leal como “uma forma peculiar de manifestação do poder privado” (1948, 8), que conseguia sobreviver a um regime político de extensas bases representativas.

Leal designa o coronelismo como “resultado da superposição de formas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada” (1948, 8), que se efetivava por meio da troca de favores entre o poder público e o poder privado. A relação se estabelecia entre os chefes políticos locais, coronéis, parentes ou aliados, que, com prestígio ou na qualidade de proprietários rurais, exerciam influência política sobre a população pobre e ignorante, totalmente dependente do trabalho rural para sobreviver. Dependentes economicamente e com as despesas eleitorais financiadas pelos chefes locais, os trabalhadores ficavam resignados a obedecer às orientações dos seus patrões (Leal 1948).

Entre as particularidades do coronelismo, Leal (1948) destaca suas características secundárias, como o filhotismo, o mandonismo, o falseamento do voto e a desorganização dos serviços públicos locais. Para Carvalho (1997), o mandonismo, uma das faces do coronelismo, refere-se a uma característica da política tradicional em que coexistem estruturas oligárquicas e personalizadas de poder, nas quais o mandante, detentor de algum recurso estratégico, exerce sobre a população domínio pessoal e arbitrário, impedindo qualquer forma de acesso ao mercado e à política.

Na outra vertente, o filhotismo, denominado por Leal de paternalismo, envolve a política de favorecimento, ou seja, o tráfico de influência exercido pelos coronéis, que passavam a incorporar afilhados políticos à administração local. Nesse sentido, o filhotismo convoca, de um lado, muitos agregados à estrutura municipal, e, por outro, se vale “do dinheiro, dos bens e dos serviços

do governo municipal nas batalhas eleitorais, fato que contribui para a desorganização municipal” (Leal 1975, 39).

A carta branca que o governo estadual concedia aos mandatários se justificava mediante o reconhecimento da força eleitoral dos coronéis, que usavam o “voto de cabresto” para conduzir as eleições locais. O sistema era mantido por uma estrutura oligárquica, na qual os coronéis negociavam com os governadores, que se articulavam com o presidente da República, quase sempre oriundo das regiões de São Paulo e Rio de Janeiro. Os coronéis garantiam a eleição do candidato indicado, utilizando a força do seu curral eleitoral. A pobreza material e cultural dos trabalhadores rurais e sua dependência do proprietário de terra constituíam as condições que limitavam o exercício da cidadania. Os controles exercidos pelos coronéis levavam os eleitores ao isolamento político, no qual a escassez de informações era manipulada pelo patrão. Nas fazendas, aponta Carvalho (1997), os coronéis eram os legisladores, executores e juizes, agindo em um sistema no qual os cidadãos eram considerados apenas súditos. No período eleitoral, Limongi (2012) esclarece que o trabalhador rural era conduzido às urnas pelo patrão, que, usando de violência e intimidação, obrigava os eleitores do seu curral eleitoral a votarem nos candidatos que ele apoiava. O trabalhador que descumprisse o acordo era submetido a punições, como o desemprego e o fim dos favores concedidos pelos poderosos locais.

Marcas de um período histórico específico, as antigas práticas coronelistas são ressignificadas e sobrevivem, ainda que de maneira camuflada, em diversos municípios brasileiros, sob a forma de políticas de apadrinhamento ou por meio de prestação de serviços básicos a comunidades carentes locais, em busca de apoio e votos. Como elemento constituinte da política, o coronelismo tornou-se marca da formação da nação brasileira, sendo representando na literatura, no cinema e nos enredos das teledramaturgias.

### **A política coronelista na telenovela *Meu pedacinho de chão*: quando a ficção reproduz a realidade**

A telenovela *Meu pedacinho de chão* tem início no episódio do dia 7 de abril de

2014, com a chegada da professora Juliana (Bruna Linzmeyer) ao povoado de Santa Fé, contratada pelo prefeito das Antas (Ricardo Blat) e pelo latifundiário da região, o caipira Pedro Falcão (Rodrigo Lombardi), que doa parte das suas terras para construção de comércios, de uma capela e de uma escola, com o objetivo de alfabetizar as humildes crianças e os adultos da localidade rural. Avesso à modernidade, o coronel Epaminondas Napoleão (Osmar Prado), principal político da região, se opõe veementemente à inauguração da escola.

Confrontado por seu desafeto Pedro Falcão e pela professora Juliana, que recusa abandonar o vilarejo, as práticas do mandonismo já aparecem no primeiro episódio, quando Epaminondas ordena que seu capataz, o jagunço Zelão (Irândhir Santos), sequestre a professora Juliana e destrua a escola. Acometido por uma paixão repentina pela professora, Zelão descumpra a ordem do coronel e, em uma sucessão de desentendimentos com o patrão, acaba demitido da fazenda sem qualquer direito trabalhista, além de ter que deixar a casa onde vive com sua mãe, a parteira e benzedeira Mãe Benta (Teuda Bara). O impasse com Zelão, que ameaçava matar o coronel, caso não recebesse qualquer pagamento pelos anos de serviço prestado, é resolvido quando a esposa de Epaminondas, Catarina (Juliana Paes) ameaça partir para a capital, levando a filha caçula Pituca (Geytsa Garcia), caso o marido não resolvesse as pendências com o ex-funcionário. Orientado pelo filho Ferdinando (Johnny Massaro), que o alerta sobre os direitos dos trabalhadores da fazenda, o coronel resolve pagar as férias e os salários atrasados de Zelão. No episódio exibido em 11 de maio, Epaminondas solicita que Zelão retire a carteira de trabalho para ser readmitido na função de capataz. Minutos após a promessa, na cena subsequente, o coronel mostra-se arrependido e alerta que demitirá os trabalhadores da fazenda, caso insistam em exigir qualquer direito trabalhista.

Em sintonia com a política que prevaleceu durante a República Velha, a telenovela reacende dados da história do país, já que a prática do coronelismo, segundo alerta Vechia (2012), era mais eficaz nas regiões isoladas, como as vilas rurais, já que a população contava com poucas possibilidades de sobreviver e de trabalhar sem o apoio dos coronéis. Nesse sentido, qualquer tentativa de promover o mínimo de avanço para a região era vista como uma

afronta ao poder local. A narrativa ficcional reproduz com vigor as práticas do mandonismo e o abuso do poder dos coronéis, que exigiam dos trabalhadores total servidão, sob o risco de perderem emprego e moradia (Leal 1948).

No episódio do dia 17 de maio, o coronel Epaminondas anuncia que o filho Ferdinando, engenheiro agrônomo recém-chegado da capital, estimado pelos moradores da vila, disputará a eleição para a prefeitura da cidade das Antas. Consciente do desprestígio na Vila de Santa Fé, a eleição do filho Ferdinando é a possibilidade de Epaminondas estender o poder político além dos limites do vilarejo, derrotando seu inimigo, o prefeito das Antas. As práticas de filhotismo, denominada por Leal (1948) como esforço dos coronéis para perpetuar seu poder por meio de filhos, netos, sobrinhos e apadrinhamento de diversas naturezas, ganham destaque na narrativa ficcional, ao lado do debate sobre o excesso de partidos políticos no país. No episódio do dia 31 de maio, Ferdinando acompanha seu pai para escolher a sigla que adotará durante a eleição. Em uma transação que envolve a compra de uma legenda, Ferdinando relata ao amigo e médico Dr. Renato que a aquisição de uma sigla partidária envolve muito dinheiro e é conquistada no toma lá dá cá, arranjo comum no Brasil, onde, segundo o personagem “há mais partidos do que eleitores”.

O lançamento da candidatura de Ferdinando também esbarra em questões do cotidiano político atual, em que a campanha de um candidato é respaldada por discursos programados e promessas de benfeitorias locais. Antes da abertura do posto de saúde, no episódio de 30 de maio, o coronel Epaminondas propõe ao médico Dr. Renato promover uma inauguração do centro de atendimento, espaço adequado para que o candidato Ferdinando realize um belo discurso de campanha. Não obstante, Epaminondas alerta que a benfeitoria é a última obra que ele permitirá na Vila, sob o risco de Santa Fé transformar-se em uma cidade grande.

Com a aproximação das eleições na Cidade das Antas, o debate do voto tem visibilidade na telenovela. No episódio do dia 19 de maio, os funcionários de Epaminondas se manifestam favoráveis à candidatura de Ferdinando e declararam que votariam no filho do patrão, caso possuíssem título de eleitor

e não fossem analfabetos. Consciente do apoio dos trabalhadores, Ferdinando contrata uma empresa de ônibus para levar os empregados de Epaminondas à Cidade das Antas, para tirarem o título de eleitor.

O voto de cabresto é tema frequente na narrativa de *Meu pedacinho de chão*. Ainda que com elevado grau de alienamento político, o fazendeiro Pedro Falcão responde para Ferdinando como são definidos os votos dos trabalhadores de sua terra. A fala do personagem é reveladora da prática: “Aqui não tem essa história de cabresto não, amigo, eles votam em quem a gente mandar”. Outra marca da política coronelista é ressaltada na cena veiculada no dia 27 de junho, ocasião em que o coronel Epaminondas manda seu capataz Zelão confiscar os títulos eleitorais de seus funcionários e dos empregados de Pedro Falcão, com a justificativa de entregá-los somente no dia da eleição, momento em que poderá conduzir o povo a votar em seu filho.

Ao retratar o sistema eleitoral pautado no voto aberto, que permitia o controle e a pressão do líder local sobre o eleitorado, a narrativa ficcional se aproxima da realidade política do Brasil. Durante a República Velha, a formação dos currais eleitorais se consolidava, sobretudo, nos domínios fundiários do coronel, que detinha o poder para conseguir de maneira indiscriminada um lote considerável de votos de cabresto (Leal 1976). Na telenovela, são constantes as cenas em que o coronel Epaminondas reafirma seu poder local e se coloca acima de qualquer estamento jurídico. No episódio do dia 14 de junho, o coronel ameaça demitir o motorista Isidoro (Raul Barreto), caso ele não vote em Ferdinando. Ao reprovar a forma como o coronel Epaminondas conduz a eleição na Vila de Santa Fé, o candidato Ferdinando ameaça desistir de concorrer à prefeitura das Antas. No episódio do dia 28 de junho, Ferdinando abandona a candidatura, sob alegação de que coronel rasgou as páginas do discurso político que havia preparado para o povo do vilarejo. Mesmo com a ausência de aliados políticos, Epaminondas convoca uma reunião com os empregados para anunciar que é o novo candidato a prefeitura. Na busca de minimizar a resistência a sua candidatura, o coronel solicita apoio político a Padre Santo (Emiliano Queiroz) e exige que o sacerdote



fale a favor de sua candidatura durante a missa, sob a ameaça derrubar a igreja e expulsar o padre da paróquia.

Na tentativa de angariar o maior número de eleitores, Epaminondas também pede que Mãe Benta, benzedeira querida da região, utilize seu prestígio como arma para ajudar na sua eleição, orientando o povo a votar nele. Alianças e conchavos políticos também estavam entre as principais marcas da política coronelista, que se alimentava da troca de favores entre o coronel e os trabalhadores, a compra de votos e a intimidação pessoal. De maneira semelhante à narrativa ficcional, a ausência de políticas públicas voltadas à população tornava os trabalhadores rurais dependentes dos coronéis em qualquer circunstância, obrigando-os a recorrer ao patrão em situações de morte, doenças e moradia.

### **Considerações finais**

Desde seu surgimento, na década de 1950 até as mais recentes produções, a telenovela brasileira exerce um papel importante na maneira como busca representar os principais momentos da história política e social do país. Em clima onírico, a telenovela *Meu pedacinho de chão* incorporou ao universo fantasioso dos personagens e do enredo as principais características da República Velha, período histórico do Brasil em que prevaleceu o poder dos coronéis nas localidades rurais. A telenovela reproduziu aspectos do coronelismo e suas características secundárias, como o mandonismo, o filhotismo e o voto de cabresto. Na cidade fictícia de Santa de Fé, o mandonismo era exercido sempre que o coronel Epaminondas ameaçava se vingar dos inimigos políticos ou de quem desafiasse sua autoridade. Os episódios em que Epaminondas exige que seu capataz Zelão coloque fogo na escola da professora Juliana, assim como destrua a igreja do Padre Santo, retratam, ainda que de maneira fictícia, o abuso de poder dos coronéis sobre a população.

O filhotismo refere-se a uma prática política ainda comum no Brasil, por meio da qual o poder político é transferido de geração para geração. Na novela *Meu pedacinho de chão*, Epaminondas utiliza esse recurso ao lançar a

candidatura do filho Ferdinando para a prefeitura das Antas, visando impedir que o atual prefeito, seu inimigo político, conquiste mais um mandato.

Por fim, a telenovela busca reproduzir o contexto em que os eleitores eram guiados pelos coronéis. A prática, conhecida como voto de cabresto ganha destaque na trama no episódio em que Epaminondas confisca o título de eleitor dos trabalhadores para exercer maior controle sobre os votos ou nas diversas cenas em que o coronel exige dos funcionários da fazenda fidelidade na urna, sob a ameaça de demissões e expulsão. Diante da ausência de recursos, os desmandos do coronel eram aceitos pelo povo em troca de moradia e de trabalho.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- Bardín, Laurence. 2011. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Carvalho, José Murilo. 1997. *Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual*. Dados, v. 40, n. 2, Rio de Janeiro.
- Hamburger, Esther. 2005. *O Brasil antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Leal, Victor Nunes. 1948. *Coronelismo, enxada e voto*. Rio de Janeiro: Forense.
- Leal, Victor Nunes. 1975. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. Rio de Janeiro: Alfa-Omega.
- Limongi, Fernando. 2012. *Eleições e democracia no Brasil: Victor Nunes Leal e a transição de 1945*. Dados, v. 55, n.1, p. 37-69.
- Lopes, Maria Immacolata Vassalo de. 2009. *Telenovela como recurso comunicativo*. Revista Matrizes, USP, v. 3, p. 21-48.
- Mattos, Sérgio. 2002. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes.
- Martín-Barbero, Jesus. 1997. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Martín-Barbero, Jesus; Rey, German. 2001. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Senac.
- Sodré, Muniz. 1997. *O monopólio da fala*. Petrópolis: Vozes.
- Vechia, Renato da Silva Della. 2011. "O coronelismo enquanto manifestação do poder privado". Instituto de Sociologia e Política da UFPel. [http://www2.ufpel.edu.br/ifisp/ppgs/eics/old/dvd/documentos/gts\\_11leics/gt2/gt2](http://www2.ufpel.edu.br/ifisp/ppgs/eics/old/dvd/documentos/gts_11leics/gt2/gt2) Acessado em 7 de julho de 2014.

#### **FILMOGRAFIA**

- Meu Pedacinho de Chão*. Realização de Benedito Ruy Barbosa, com colaboração de Edilene Barbosa e Marcos Barbosa de Bernardo. Organizações Globo, 2014. Distribuição: Rede Globo. Produção: Maristela Velloso e Lucas Zardo.